



***O PAPEL DO DOCENTE NO ENFRENTAMENTO DO BULLYING
LGBTFÓBICO***

***EL PAPEL DEL DOCENTE EN EL ENFRENTAMIENTO DEL ACOSO ESCOLAR
LGBTFÓBICO***

THE TEACHER'S ROLE IN COPING WITH LGBTPHOBIC BULLYING

*Samuel Santos da Silva*¹

*Daniel Silva Alvarenga Costa*²

*Daniara Rayane e Silva*³

*Fausto de Melo Faria Filho*⁴

RESUMO

Este estudo investigou a preparação de profissionais da educação para lidar com o *bullying* LGBTfóbico. Por meio de uma abordagem quali-quantitativa, foram aplicados questionários a educadores de uma escola em Ceres (GO), analisando sua capacitação para enfrentar essa forma de violência e identificar desafios no ambiente escolar. Os resultados revelam que muitos educadores se sentem despreparados para lidar com a diversidade sexual e de gênero, apesar de reconhecerem seu papel na luta contra a LGBTfobia. Destaca-se a importância da educação na promoção de um ambiente inclusivo e seguro, enfatizando o enfrentamento ao preconceito. A formação complementar é apontada como uma ferramenta essencial para capacitar os educadores a lidarem com o *bullying* LGBTfóbico, incentivando o protagonismo estudantil e ações de conscientização para construir um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade. Educação. Professor.

RESUMEN

Este estudio investigó la preparación de los profesionales de la educación para afrontar el acoso LGBTfóbico. Mediante un abordaje cuali-cuantitativo, se administraron cuestionarios a educadores de una escuela de Ceres (GO), analizando su formación para

¹ Graduando em Ciências Econômicas. UFG, Goiânia, Goiás, Brasil.

² Licenciado em Ciências Biológicas. IF Goiano, Ceres, Goiás, Brasil.

³ Mestranda em Ensino para Educação Básica. UEG, Anápolis, Goiás, Brasil.

⁴ Doutor em Física. Universidade Federal de Goiás, Ceres, Goiás, Brasil.

enfrentar esta forma de violência e identificando desafios em el ambiente escolar. Los resultados revelan que muchos educadores no se sienten preparados para tratar la diversidad sexual y de género, a pesar de reconocer su papel en la lucha contra la LGBTfobia. Se destaca la importancia de la educación en la promoción de un entorno inclusivo y seguro, enfatizando la lucha contra los prejuicios. La formación adicional se considera una herramienta esencial para que los educadores puedan afrontar el acoso LGBTfóbico, fomentando el protagonismo de los estudiantes y acciones de sensibilización para construir un ambiente escolar más acogedor y respetuoso.

PALABRAS-CLAVE: Diversidad. Educación. Maestro.

ABSTRACT

This study investigated the preparation of education professionals to deal with LGBTphobic bullying. Using a qualitative and quantitative approach, questionnaires were applied to educators at a school in Ceres (GO), to analyze their ability to face this form of violence and identify challenges in the school environment. The results reveal that many educators feel unprepared to deal with sexual and gender diversity, despite recognizing their role in the fight against LGBTphobia. The importance of education in promoting an inclusive and safe environment is highlighted, emphasizing the fight against prejudice. Additional training is seen as an essential tool to enable educators to deal with LGBTphobic bullying, encouraging student protagonism and awareness-raising actions to build a more welcoming and respectful school environment.

KEYWORDS: Diversity. Education. Teacher.

* * *

Introdução

A problemática do *bullying* tem sido objeto de preocupação crescente, principalmente no contexto escolar, onde crianças e adolescentes são frequentemente expostos a situações de violência e discriminação.

Gilvânia Paixão *et al.*, (2014) destaca que, crianças e adolescentes que sofrem *bullying*, dependendo de suas características individuais e de suas relações com o meio, poderão não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. Sentimentos negativos, especialmente como baixa autoestima, depressão, medo, vergonha podem permear todo o desenvolver da criança, tornando-as adultos com sérios problemas de relacionamento e susceptíveis a praticar o *bullying* no futuro.

Estudos de Hugo Santos *et al.*, (2017), revelam que o ambiente escolar pode se caracterizar como espaço de discriminação, com consequências que geram prejuízos para o bem-estar e o desenvolvimento. De acordo com Aramis Lopes Neto (2005), para aqueles que sofrem a violência, o *bullying* pode causar: queda do rendimento escolar,

intensificação de problemas emocionais, aumento de insegurança, baixa autoestima, tendência à depressão e em casos mais graves, tentativas e consumação de suicídio (Adriano de Sousa *et al.*, 2020).

Isso enfatiza a importância do papel da escola e conseqüentemente do professor na luta contra a perpetuação desse comportamento, garantindo que a educação oferecida nas escolas seja libertadora por meio de uma educação horizontal, dialógica, plural e conscientizadora, e não compactue com nenhum tipo de discriminação (Cleyton Pereira e Allene Lage, 2017).

Uma expressão violenta que persiste na sociedade brasileira é o *bullying* LGBTfóbico, caracterizada pelo preconceito e discriminação direcionados a pessoas homossexuais, bissexuais, transexuais e outras identidades de gênero e sexualidade (Roger Rios, 2007). Essa forma de intolerância não apenas reflete a estrutura discriminatória da sociedade em que estamos inseridos, mas também se manifesta de maneira significativa nas escolas brasileiras, conforme evidenciado por estudos como o de Jackeline Souza *et al.* (2015). As violências por questões de diversidade sexual ou de gênero podem se manifestar de muitas formas, sendo a mais comum delas na forma de piadas ou insultos, mas em casos mais graves como violência física (Aparecido Reis, 2021). Diante disso, torna-se evidente a necessidade de incorporar a educação sexual de forma mais efetiva no currículo escolar, reconhecendo sua importância histórica e sua relevância contínua na luta contra os preconceitos sexuais na infância e na adolescência.

Ao comparar o papel da família como educadora sexual com o da escola, nota-se que a sociedade, de modo geral, ainda tem dificuldade de entender a escola como aliada no processo de transmissão de conhecimento nessa área e combate à violência sexual. Isso ressalta a necessidade de investigar os impactos da disseminação explícita e implícita de informações sobre sexualidade nessas instituições. Tal análise permite uma abordagem dialética dos aspectos sociais e cognitivos do desenvolvimento, especialmente no estudo dos preconceitos sexuais na infância (Mariana Garbarino, 2021). Portanto, é evidente que a educação sexual enfrenta desafios na sua incorporação atual, porém, é parte de uma longa história de luta e ensino.

A Educação Sexual no Brasil teve, nos anos 1930, seu primeiro momento de intensa divulgação nos meios de comunicação, graças ao trabalho pioneiro de médicos que se interessaram por questões de sexo e sexualidade e que deram a cientificidade necessária para o debate na sociedade. Muitos livros foram publicados e muitas editoras conceituadas se empenharam para que obras de conceituados autores

brasileiros e estrangeiros alcançassem várias edições (Paula Riberio e Solange Monteiro, 2019, p. 1254).

Ribeiro e Monteiro (2019) argumentam que, no final da década de 80, associações ligadas a estudos científicos de psicologia, ginecologia e urologia retomaram o discurso sobre a sexualidade humana, tendo por base a Segunda Sexologia, definida por Jane Russo e Fabíola Rohden (2011). Esses fundamentos sustentaram e fortaleceram a discussão acadêmica sobre sexualidade no Brasil a partir da década de 1980. Dessa forma, a educação sexual foi introduzida nas universidades, um processo que se consolidou com o surgimento dos grupos de pesquisa no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. A partir desse momento, as universidades brasileiras passaram a ser o principal centro de referência para a educação sexual no país, além de se destacarem pela significativa produção bibliográfica relacionada à sexualidade e à educação sexual, tema que até então recebia pouca atenção. (Ribeiro e Monteiro, 2019).

De 1990 a 2015 a sociedade brasileira lida com profundas mudanças de normas e padrões culturais ligados à sexualidade, absorve o surgimento e a consolidação dos estudos de gênero, e discute diferentes modos de lidar com a sexualidade e aceitar a diversidade. Ações governamentais efetivas incentivam o desenvolvimento de projetos e programas voltados para a igualdade entre homens e mulheres, o respeito à diversidade e o combate à homofobia (Riberio e Monteiro, 2019, p. 1257).

No entanto, atualmente a abordagem de tais temáticas ainda permanecem tabus no contexto escolar, sendo a família a principal educadora sexual diante da notória baixa presença da escola. A chuva de estímulos midiáticos na atual conjuntura de suposta liberação e abertura da temática sexual não se torna conhecimento por “difusão facilitada”; tem-se a necessária a mediação dos adultos escolares e dos familiares. (Garbarino, 2021).

Ana Maia (2016) disserta que embora a sexualidade seja um tema tabu em muitas sociedades em destaque na nossa observamos que é algo “natural”, ou seja, é apenas mais um aspecto do nosso desenvolvimento humano, neste sentido como o cognitivo e o físico. Da mesma forma que os pais, a partir desta perspectiva o professor também precisa estar atento às questões da sexualidade manifestadas em todos os alunos e alunas no contexto escolar.

Todavia Garbarino (2021) que ressalta enquanto a gestualidade que é observada de uma maneira mais explícita, apresentada pela mídia ou através de aulas de biologia, a

dimensão simbólica, sócio-histórica, afetiva, e cultural é ainda pouco vinculada à educação sexual.

Onde não há palavras, restam as imagens, os gestos, risos, silêncios ou apelidos, que restringem a capacidade da criança de se autorizar a falar abertamente sobre sexualidade. Se os preconceitos de gênero e a diversidade sexual são temáticas cada vez mais abordadas na mídia, nas ciências sociais e na literatura infantil, a escola é uma instituição que ainda tem muito caminho a percorrer nessa empreitada. O sexismo subjacente às práticas escolares constitui um problema incontornável, que precisa ser identificado e explicitado para, posteriormente, tomar o estatuto de objeto de conhecimento a ser discutido e desconstruído, a partir de projetos interdisciplinares que permitam a livre manifestação de sentimentos, ideias e crenças sobre o assunto (Garbarino, 2021, p. 13)

Todavia educação sexual ainda está longe de ser uma co-construção entre crianças e adultos responsáveis, que acompanhem as hipóteses dos pequenos e os auxiliem nesse processo, quando menos oferecendo um lugar aberto de escuta e circulação de ideias. Logo, uma grande quantidade de estímulo sexual e informações fragmentadas, à qual as crianças são expostas, não irá condizer necessariamente em matéria de qualidade quando não consegue ir além de imagens e gestos presentes na mídia (Garbarino, 2021).

Observa-se assim uma carência de mediação simbólica dessas informações. Outro fator é a vergonha e o pudor dos educadores familiares e escolares para colocar palavras e abrir espaços de conversa a partir dessas imagens, acaba fortalecendo assim a ideia do segredo e do tabu desses conteúdos que, uma vez acessados na mídia são silenciados, porque deles “não se pode falar disso” (Garbarino, 2021).

Nessa perspectiva é de responsabilidade da escola a elaboração de projetos que possibilitem a abordagem adequada dessas questões, desconstruindo a clássica e hegemônica dicotomia do feminino e do masculino. Através disso, surge a necessidade de novas pesquisas que aprofundem o diálogo da dimensão sociocultural do desenvolvimento infantil para o estudo da construção dos preconceitos sexuais. Dessa forma, será mais bem compreendida a articulação entre as tendências específicas do desenvolvimento e os posicionamentos afetivos e intelectuais dos adultos significativos da criança, que fazem a diferença nesse percurso (Garbarino, 2021).

Ribeiro e Monteiro (2019) destacam, em seus estudos, a diversidade de abordagens relacionadas à temática da educação sexual, apontando para discussões que podem complementar o entendimento e identificar lacunas na estrutura de conhecimento

sobre o assunto. Além disso, os autores ressaltam os desafios históricos e traçam um panorama dos novos desafios que a educação sexual pode enfrentar, enfatizando que essa questão transcende o ambiente escolar, estendendo-se a todas as esferas relevantes da convivência social.

Os mesmos autores ainda esmiúçam que mesmo que existam os problemas a serem enfrentados e novos desafios a surgir, a consolidação de uma educação sexual eficiente no ensino brasileiro é um dos passos primordiais para que muitos preconceitos sejam quebrados e que direitos e a liberdade pessoal seja respeitada e garantida, construindo assim uma sociedade mais justa e igualitária (Riberio e Monteiro, 2019).

Devemos argumentar que a falta de mediação das instituições sociais como simbolizantes da ebulição visual na mídia traz impactos psíquicos no que diz respeito à construção do conhecimento, mas também à reprodução de preconceitos e tabus, tal como evidenciado nas manifestações de vergonha elencadas. Sobretudo, as características do desenvolvimento infantil oferecem possibilidades e limites para a abordagem das diferenças sexuais e de gênero. No entanto, elas somente serão ressignificadas e reorganizadas se houver adultos envolvidos, a partir de uma perspectiva ética e de respeito à diversidade sexual, para mediar e auxiliar sua (des)construção (Garbarino, 2021).

Giovanna Justino *et al.* (2021) observam que, para o progresso na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos, tem havido uma maior associação à construção baseada nas diretrizes dos conceitos de gênero e integralidade nas práticas de saúde. Nesse contexto, a falta de conhecimento e conscientização contribui para a formação de indivíduos pouco informados e intolerantes às diferenças, especialmente em relação às ideologias de gênero.

E a partir disto podemos ressaltar a necessidade de se refletir sobre temáticas que estejam relacionadas à sexualidade nesse contexto e que destacam a importância de abordagens que sejam mais significativas relacionadas a tais assuntos na formação docente, bem como nas escolas, visto que isto pode se tornar uma grande contribuição para o combate à LGBTfobia no ambiente escolar (Jean Santos e Helder Cerqueira-Santos, 2021).

Segundo Geny Miguel (2016), ao contrário do que muitos acreditam, o papel do professor é extremamente importante na ruptura das agressões e na manutenção do respeito dentro e fora da sala de aula. Portanto esta pesquisa busca apresentar uma discussão que raramente é abordada, especialmente em ambientes escolares, onde falar sobre o corpo ou a orientação sexual ainda é considerado um assunto "proibido" (Guacira

Louro, 2021). Isso nos leva a perguntar: os professores estão adequadamente preparados para abordar temas como *bullying* LGBTfóbico em sala de aula?

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo questionar se os professores estão preparados para situações de enfrentamento do *bullying* LGBTfóbico, na perspectiva do próprio docente, considerando que os professores muitas vezes são testemunhas dessas situações e em alguns casos até coniventes.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa realizada teve finalidade aplicada, abordagem quali-quantitativa, objetivos explicativos e exploratórios e procedimentos de campo. Foi utilizado amostragem por conveniência, sendo realizada com os trabalhadores da educação do Colégio Estadual Virgílio do Vale da cidade de Ceres, localizada no Vale de São Patrício a 177 km de Goiânia, capital do estado de Goiás.

Para obtenção dos dados foi utilizado um questionário investigativo com perguntas objetivas e subjetivas, tal instrumento de coleta permitiu extrair informações sobre a LGBTfobia e o *bullying* LGBTfóbico no ambiente escolar, sob a perspectiva dos docentes, sendo possível verificar os métodos de enfrentamento a essas situações e até mesmo possíveis dificuldades em lidar com as circunstâncias.

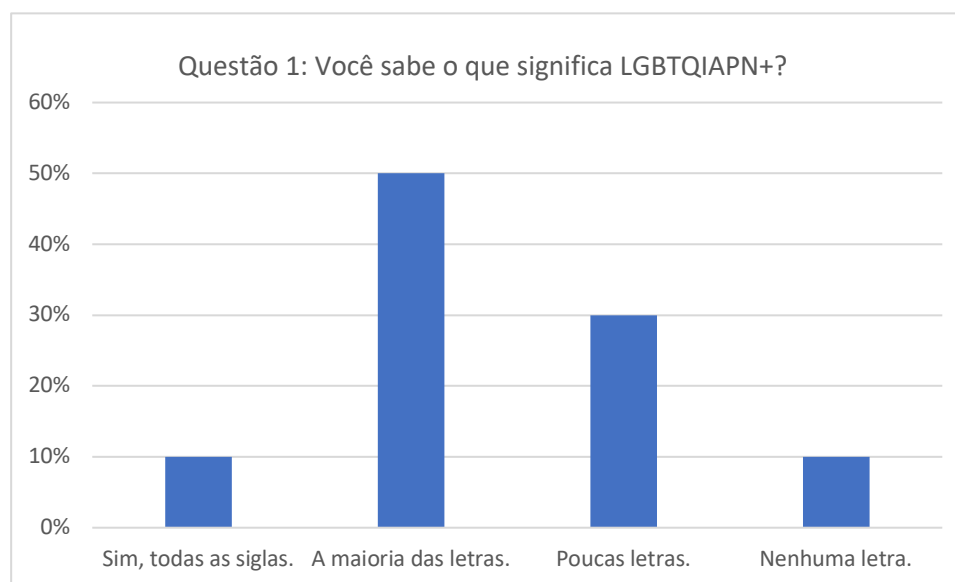
A aplicação do questionário foi realizada através da ferramenta *on-line* Google Forms, de forma anônima. Todos os participantes da pesquisa tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os links foram enviados via Whatsapp dos professores através de seus coordenadores de área com intuito de manter a confidencialidade.

Resultados e Discussões

No momento da pesquisa o Colégio contava com 24 funcionários considerando professores regentes, professores de apoio educacional e grupo gestor. Obtiveram-se, 12 respostas, das quais 10 foram consideradas, as outras duas, não foram analisadas em respeito aos entrevistados que não concordavam totalmente com os termos da pesquisa. Perante os retornos obtidos sobre as funções e cargos que ocupam no ambiente de trabalho, 30% (3) dos entrevistados atuam em trabalhos administrativos, 30% (3) atuam como professor(a) e em cargo administrativo e 40% (4) atuam apenas como professor(a).

Com relação a primeira pergunta, foi questionado aos participantes, se eles sabiam o que significa a sigla LGBTQIAPN+ -que representa a diversidade de orientações sexuais, identidades e expressões de gênero, ela inclui: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e o símbolo + abrange outras identidades não mencionadas explicitamente-, 50% (5) responderam que conhecia a maioria das letras, 30% (4) conheciam poucas letras, 10% (1) não possuía conhecimento de nenhuma letra e apenas 10% (1) apresentava saber sobre todas as letras (vide FIGURA 1). O que demonstra que apesar de haver um relativo conhecimento acerca da sigla no ambiente estudado, ainda há muito a ser feito para que se possa considerar um estado de conhecimento pleno.

FIGURA 1: Gráfico referente as respostas da pergunta um do questionário submetido aos entrevistados que aborda o conhecimento acerca da sigla LGBTQIAPN+.



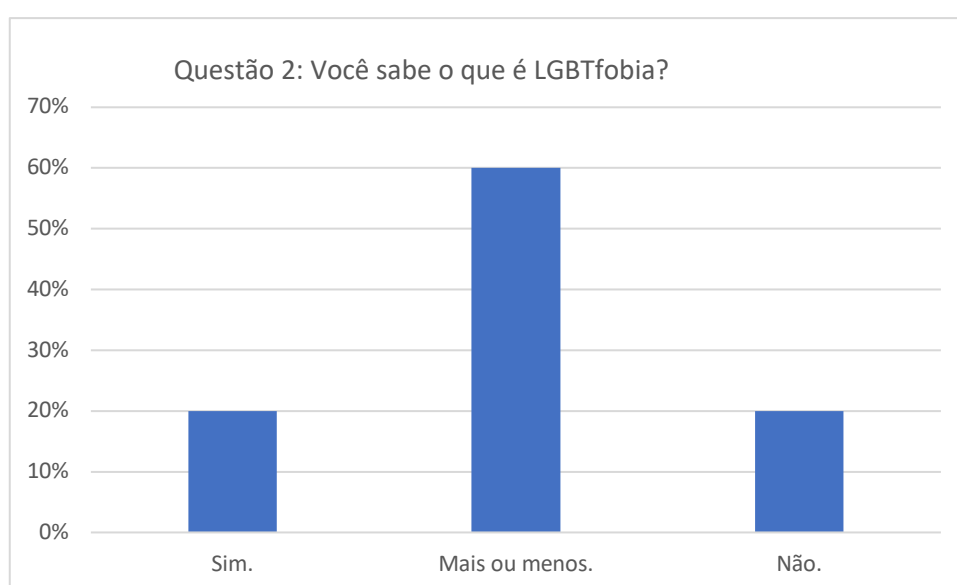
Fonte: Os autores.

Para combater as violências estruturais direcionadas às comunidades LGBTs, é fundamental que haja um conhecimento aprofundado e uma proximidade significativa com as causas que envolvem essa população. Compreender as questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade é essencial para criar um ambiente escolar inclusivo e seguro. Nesse sentido, a formação continuada dos professores desempenha um papel crucial, os educadores devem receber treinamento específico sobre questões de identidade de gênero e orientação sexual, para que possam abordar tais temas de maneira sensível e eficaz em sala de aula. Além disso, é fundamental que os professores demonstrem uma

atitude de apoio e empatia em relação aos estudantes LGBTs, promovendo um ambiente acolhedor que celebra a diversidade e combate o preconceito. Dessa forma, ao investir na formação e na familiaridade dos professores com o tema, é possível criar um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso para todos os alunos (Breno Silva, 2023).

A FIGURA 2 corresponde à segunda pergunta do questionário, que abordou a LGBTfobia, definida por De Araújo (2018) como qualquer forma de preconceito, aversão ou violência, tanto física quanto verbal, contra membros da comunidade LGBT. Os resultados indicaram que 60% dos participantes tinham um entendimento limitado sobre o assunto, enquanto 20% não possuíam conhecimento algum, e apenas 20% estavam familiarizados com o termo.

FIGURA 2: Gráfico referente as respostas da pergunta dois do questionário submetido aos entrevistados que aborda o conhecimento acerca da LGBTfobia.



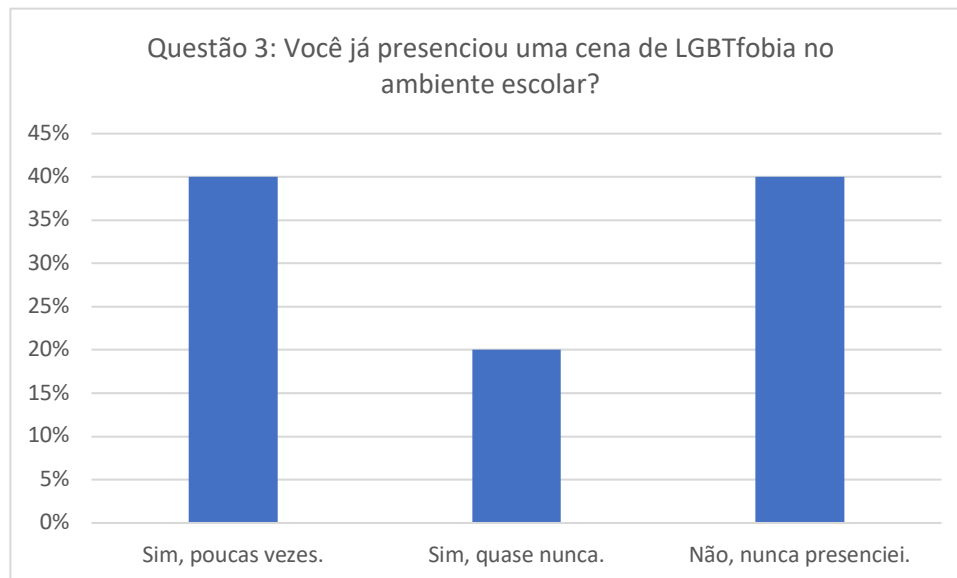
Fonte: Os autores.

Visto que no Brasil as diferentes faces do preconceito são estruturais e estão institucionalizadas, esses dados sugerem que a perpetuação desse tipo de discriminação pode persistir, caso não haja intervenções, conforme destacado por Dalila França *et al.* (2019), salientando que o aumento do conhecimento sobre tais questões é fundamental para reduzir o preconceito entre os grupos sociais.

Dando continuidade ao questionário, foi indagado se os entrevistados já tinham presenciado alguma cena de LGBTfobia no ambiente escolar. Como mostra a FIGURA 3, com os dados obtidos foi possível observar que 40% (4) nunca presenciaram, 20% (2)

já presenciaram, no entanto, foi um evento raro, ou quase nunca e 40% (4), presenciaram poucas vezes.

FIGURA 3: Gráfico referente as respostas da pergunta três do questionário submetido aos entrevistados que questiona se o docente já presenciou uma cena de LGBTfobia.



Fonte: Os autores.

Observa-se uma lacuna na capacitação dos profissionais da educação para identificar e lidar com situações de *bullying* LGBTfóbico, uma vez que essa forma de violência é uma realidade cotidiana para indivíduos LGBTs no Brasil, embora muitas vezes seja sutil e não manifestada abertamente. É comum associarmos violência apenas a agressões físicas, porém o preconceito velado e psicológico também pode ter um impacto significativo na vida das pessoas (Paixão *et al.*, 2014; Santos *et al.*, 2017 e Sousa *et al.*, 2020).

Não possuir afinidade com as temáticas, infelizmente acarreta falhas na prática do combate ao *bullying* LGBTfóbico, pois se o educador não conhece o assunto, como poderá reconhecer quando estiver acontecendo algum tipo de agressão verbal dentro do ambiente escolar? Os profissionais da educação possuem dificuldade no trato desse tipo de *bullying* devido ao tabu que socialmente é imposto à esta temática (Dominique dos Santos e Viviane Silveira, 2021).

Os dados das FIGURAS 1, 2 e 3 evidenciam a importância de compreender a cultura da diversidade para reconhecer as diversas formas de violência contra ela. A diversidade abarca uma ampla gama de identidades, incluindo LGBT, étnicas, religiosas,

de gênero, entre outras, cada uma com suas próprias peculiaridades e experiências. Ao buscar esse conhecimento, torna-se possível compreender os desafios e as opressões enfrentados por essas comunidades no cotidiano (Moisés Menezes, 2017).

A cultura da diversidade envolve a valorização e o respeito às diferenças, reconhecendo que cada indivíduo tem o direito de ser quem é e expressar sua identidade. No entanto, muitas vezes, essas identidades são alvo de preconceito, discriminação e violência. Ao compreender a cultura da diversidade, torna-se possível identificar e combater as formas de violência que são direcionadas a essas comunidades. Isso inclui a violência verbal, física, psicológica e estrutural, que podem ocorrer em diferentes esferas da sociedade, como no ambiente de trabalho, na educação, na saúde e nas relações pessoais.

A heteronormatividade apoia a ótica binária a respeito de gêneros e sexualidades, o que também é um fator responsável pelo problema em combater os comportamentos dotados de discriminação aos sujeitos diversos dentro da comunidade escolar (Paula Biazus e Vantoir Brancher, 2019). A LGBTfobia não combatida faz com que a escola se torne um local hostil e violento, contribuindo para o desenvolvimento de transtornos de cunho psicossocial, que leva automaticamente a uma deficiência no processo de ensino-aprendizagem (Neto e Fernandes, 2021).

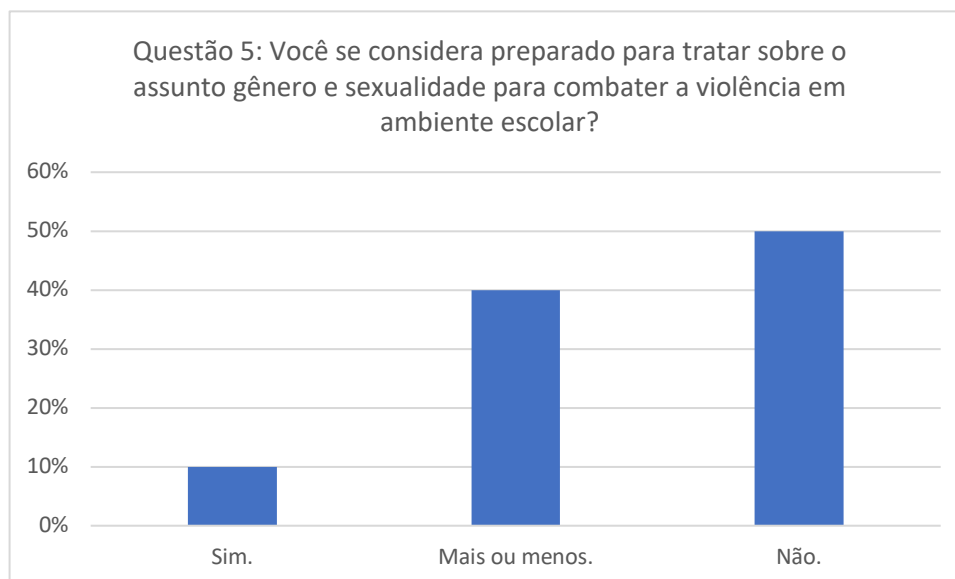
Acerca do papel do docente no combate à LGBTfobia nas escolas, os dados revelaram que 90% (9) dos questionados, responderam que sim, professor/ coordenador/ diretor e afins, tem um papel importante para acabar com a perpetuação da LGBTfobia nas escolas e uma minoria de 10% (1), declarou que estes não têm papel relevante no combate a esta problemática. Embora quase a totalidade se sente responsável por combater *bullying* LGBTfóbico, os resultados anteriores mostram que eles não se sentem preparados, indicando a necessidade de uma formação complementar efetiva.

A FIGURA 4 mostra se os entrevistados se consideravam preparados, para abordar o tema gênero e sexualidade para combater a violência em ambiente escolar. Observou-se que 50% (5) responderam não estar preparados para tratar deste assunto em sala, 40% (4) relataram estar mais ou menos preparados e apenas 10% (1) disseram ter o preparo necessário.

Mais uma vez, ressalta-se a necessidade de uma formação continuada para profissionais da educação em lidar com tais assuntos, pois, em geral, eles não se consideram preparados para enfrentar situações de violência de *bullying* LGBTfóbico. Além disso, é importante que os educadores entendam que estas questões não são

exclusivamente problemas de comportamento, mas uma questão social muito mais profunda e que merece atenção (Santos e Cerqueira-Santos, 2021).

FIGURA 4: Gráfico referente as respostas da pergunta quatro do questionário submetido aos entrevistados que indaga ao participante se ele se considera preparado para abordar assunto gênero e sexualidade para combater a violência em ambiente escolar.



Fonte: Os autores.

A formação complementar e continuada consiste em programas de capacitação e desenvolvimento profissional que visam suprir lacunas e proporcionar aos educadores ferramentas e conhecimentos específicos sobre questões específicas, tais como diversidade sexual e gênero. Por meio de processos formativos os educadores podem aprimorar suas habilidades e competências para lidar de forma eficaz com o combate à violências de gênero e sexualidade, criando um ambiente educacional mais seguro e inclusivo para todos os estudantes. Pode incluir *workshops*, cursos, palestras e atividades que abordam temas como identidade de gênero, orientação sexual, preconceito e discriminação, legislação e políticas de inclusão. Essas intervenções proporcionam aos educadores não apenas conhecimento teórico e prático, mas também estimulam reflexões e debates sobre a abordagem sensível e respeitosa dessas questões (Souza, 2015).

É importante ressaltar que a formação complementar não substitui a necessidade de políticas e estruturas institucionais que promovam a inclusão e o combate ao *bullying* LGBTfóbico. No entanto, ela desempenha um papel fundamental no fortalecimento dos educadores como agentes de mudança, capacitando-os a criar um ambiente educacional

mais seguro, respeitoso e acolhedor para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Partindo da preparação dos profissionais de ensino, podem surgir ações de conscientização mediadas pelos educadores com enfoque e protagonismo dos estudantes. O protagonismo estudantil em parceria com os professores no enfrentamento ao *bullying* LGBTfóbico permitirá que o ambiente estudantil não apenas se torne local de acolhimento e respeito, mas que também transcenda os espaços escolares, levando informação e equidade da escola para a comunidade.

Considerações Finais

Os resultados revelaram um relativo conhecimento dos profissionais da educação sobre a sigla LGBTQIAPN+, porém ainda há uma lacuna significativa que precisa ser preenchida. A LGBTfobia, mesmo que sutil e velada, é uma realidade presente no cotidiano das pessoas LGBTs no Brasil, e sua identificação e combate requerem não apenas conhecimento, mas também sensibilidade e empatia por parte dos profissionais da educação. A falta de familiaridade com esses temas pode comprometer a eficácia das estratégias de enfrentamento ao *bullying* LGBTfóbico no ambiente escolar, destacando a importância da formação continuada dos educadores.

Os dados também evidenciaram que a maioria dos participantes reconhece a importância do papel dos professores no combate à LGBTfobia nas escolas, porém, muitos não se consideram preparados para abordar questões de gênero e sexualidade em sala de aula. Essa falta de preparo reflete a necessidade urgente de investimento em programas de capacitação e desenvolvimento profissional que abordem esses temas de forma sensível e eficaz. A formação complementar dos educadores é fundamental para promover um ambiente educacional mais seguro, inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

Além disso, é crucial reconhecer que o combate ao *bullying* LGBTfóbico não é responsabilidade exclusiva dos educadores. Políticas e estruturas institucionais também desempenham um papel fundamental nesse processo, promovendo a inclusão e a equidade no ambiente escolar. O protagonismo estudantil, em parceria com os professores, pode ser uma ferramenta poderosa para promover a conscientização e o enfrentamento dessas questões não apenas dentro da escola, mas também na comunidade em geral. Assim, investir na formação e no apoio aos educadores é essencial para criar

um ambiente escolar que celebra a diversidade e combate o preconceito em todas as suas formas.

Referências

BLAZUS, Paula Hosana Silveira; BRANCHER, Vantoir Roberto. Docentes lgbt: o que tem evidenciado as pesquisas contemporâneas. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 1, 2019.

DE SOUSA, Adriano Kerver; TOMASI, Áurea Regina Guimarães. Bullying no ensino médio: a percepção de alunos e professores. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, 2020.

DOS SANTOS, Dominique Stefany Gomes; SILVEIRA, Viviane Teixeira. Bullying homofóbico: à ótica das práticas pedagógicas na Educação Física escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 2, 2021.

FRANÇA, Dalila; SANTOS, Rozélia dos Anjos Oliveira; DE SOUSA, Kelyane Oliveira. Estratégias de combate ao preconceito. **REPECULT-Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**, v. 4, n. 7, 2019.

GARBARINO, Mariana Inés. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, v. 63, 2021.

JUSTINO, Giovanna Brunna da. Silva; STOFEL, Natália Sevilha; GERVASIO, Mariana de Gea; TEIXEIRA, Iraí Maria de Campos; SALIM, Natália Rejane. Educação sexual e reprodutiva no puerpério: questões de gênero e atenção à saúde das mulheres no contexto da Atenção Primária à Saúde. **Interface (Botucatu)** v. 25, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e educação**. Porto Alegre: Porto Editora, 2001.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e educação sexual**. Acervo digital da Unesp – Bauru. 2016.

MENEZES, Moisés Santos; SILVA, Joilson Pereira. Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador. **Revista Katálysis**, v. 20, n. 1, 2017.

NETO, Aramis Antônio Lopes. **Bullying: saber identificar e prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

NETO, Joel Almeida; FERNANDEZ, Thaís Almeida Cardoso. A temática LGBTQ+ em uma escola pública de Viçosa, MG: formação e atuação dos professores de ciências. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, 2021.

MIGUEL, Geny Martins et al. **A diversidade no cotidiano escolar: a homofobia na escola**. Trabalho de conclusão do curso Curso de Especialização: Gênero e

Diversidade na Escola. - Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania – LGBT, UFMG, 2016.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. Violência escolar: percepções de adolescentes. **Revista Cuidarte**, v. 5, n. 2, 2014.

PEREIRA, Cleyton. Feitosa e LAGE, Allane Carvalho. Educação como Prática da Liberdade para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: saberes, vivências e (re)leituras em Paulo Freire. **Diversidade e Educação**, v. 5, n. 2, 2017.

REIS, Aparecido Francisco dos. Bullying, homofobia e violência no espaço da escola: pensando gênero, sexualidade e práticas sociais a partir de uma pesquisa de campo. **Conjecturas**, v. 21, n. 2, 2021.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. Avanços e retrocessos da educação sexual no Brasil: apontamentos a partir da eleição presidencial de 2018. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 2, 2019.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. **Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**, p. 27-48, 2007.

RUSSO, Jane; ROHDEN, Fabíola. **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS/UERJ, 2011.

SANTOS, Hugo M.; DA SILVA, Sofia Marques; MENEZES, Isabel. Para uma visão complexa do bullying homofóbico: desocultando o cotidiano da homofobia nas escolas. **Ex æquo**, n. 36, 2017.

SANTOS, Jean Jesus; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Homofobia e escola: uma revisão sistematizada da literatura. **Revista Subjetividades**, v. 20, 2020.

SILVA, Breno Eustáquio da. **O professor como agente de combate à homofobia no ambiente escolar**. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Educação, Universidad Politécnica y Artística del Paraguay, Ciudad del Este, 2023.

SOUSA, Galdino Rodrigues de; DEVIDE, Fabiano Pries; ANDRADE, Talita de Resende; RIZZUTI, Elaine Valéria. A homofobia como uma das faces do bullying: análise em periódicos científicos da educação física. **Motrivivências**, v. 30, n. 54, 2018.

SOUZA, Jackeline Maria de; SILVA, Joilson Pereira da; FARO, André. Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 2, 2015.

SOUZA, Rosana Ramos de. **Educação e diversidade: interfaces e desafios na formação de professores para a escola de tempo integral**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2015.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em março de 2025.